

Ser princesa e ser herói: verdades sobre o corpo que atravessam a imaginação das crianças

Circe Mara Marques¹

Josaine Machado²

Marialva Linda Moog Pinto³

RESUMO

Este artigo resultou de uma pesquisa que teve por objetivo investigar as verdades sobre o corpo que atravessam a imaginação e as brincadeiras das crianças. Buscamos conhecer aquilo que as próprias crianças dizem sobre o corpo de princesa e sobre o corpo de herói. Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa 'com' crianças de seis anos que frequentam o primeiro ano de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre. Esta transcorreu a partir de conversas realizadas com dois grupos, estando um deles constituído por oito meninas e o outro por sete meninos. Durante o estudo foi possível compreender as influências da mídia e das produções culturais para a infância na constituição da imaginação. Embora as crianças não sejam sujeitos passivos diante dos conteúdos midiáticos, sua imaginação é tocada por tais conteúdos, produzindo a ideia de corpo branco, magro e saudável como sendo uma verdade quando se trata de uma princesa ou de um herói.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Imaginação. Infância. Mídia.

Being a princess or a hero: truth about body crossing children's imagination

¹Pós-doutora em Educação. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, Santa Catarina, Brasil. E-mail: circemaramarques@gmail.com

²Pedagoga. Escola Luterana Comunitária São Mateus, Canoas, Rio grande do Sul, E-mail: josaine.machado@hotmail.com

³Doutora em Educação. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, Santa Catarina, Brasil. E-mail: marialvamoog@hotmail.com

This article has come from a piece of research aiming to investigate truths about body crossing children's imagination and playing. It was sought to know what children say about the body of a princess and a hero. To develop this study was interviewed six-year-old children in their first year in a public school at the great Porto Alegre. This interview took place from conversations with two groups of eight girls and seven boys. During this study was possible understand media and cultural production effects on childhood in the constitution of the imagination. While children are not passive subjects towards media content, their imagination is affected by this content, producing the notion of a White thin and healthy body as a truth for body of a princess or hero.

KEYWORDS: Body. Imagination. Childhood. Media.

* * *

*[...] Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país
Chico Buarque*

Introdução

Sob signo da letra da canção *João e Maria*, de Chico Buarque, cujo um trecho da letra trazemos em epígrafe, anunciamos que este artigo trata da infância, da mídia e da imaginação.

Vivemos em tempos de TV aberta, TV a cabo, cinemas, vídeos, internet, DVDs, CDs, celulares... Antes mesmo de aprender a andar, falar, desenhar, ler e escrever, as crianças já são seduzidas por sons, brilhos, luzes, cores das imagens que aparecem, se movimentam, se transformam, se repetem ou desaparecem em ritmos alucinantes nas telas dos computadores, dos *tablets*,

dos celulares, dos cinemas e, em especial, da TV – digo especial não porque seja a mais importante, mas porque é a mais acessível a todas as classes sociais e faixas etárias, em diferentes contextos, por um período de tempo significativo.

Desde bebês, as crianças já estão lendo o mundo e se constituindo cidadãos a partir, também, das mídias. O tempo de imaginar e de inventar brincadeiras de princesas e de heróis vem sendo dividido pelo de observar imagens que transitam o tempo todo de tela em tela. A partir dessas imagens, determinadas verdades sobre os modos de ser princesa e de ser herói são apresentadas e repetidas para as crianças.

A onipresença das mídias (BEVORT e BELLONI, 2009, p. 1.081) leva-nos a considerar sua importância na vida social das crianças pequenas. Vemos, então, a necessidade de ampliar a discussão sobre os efeitos da mídia na constituição do sujeito infantil, embora tal preocupação não represente uma novidade, considerando que atravessa os estudos de diversos pesquisadores, entre eles Pougy (2005), Cunha (2008), Belloni (2001 e 2009).

Este artigo resultou de uma investigação cujo propósito foi conhecer determinadas verdades sobre o corpo que atravessam a imaginação de um grupo de meninos e meninas de seis anos de idade, mais especificamente acerca do corpo de princesa e do corpo de herói. Valemo-nos de uma metodologia de pesquisa com crianças com o objetivo de buscar conhecer aquilo que as próprias crianças têm a nos dizer sobre o corpo de princesa e sobre o corpo de herói, para, então, analisar os impactos das imagens divulgadas nas mídias na imaginação infantil. Na primeira parte, faremos uma breve discussão acerca da infância, da mídia e da imaginação. Depois, discutiremos as possibilidades de uma pesquisa com crianças para, então, apresentar os dados coletados e as análises daquilo que as crianças pesquisadas têm a dizer sobre o corpo de princesa e o corpo de herói.

Infância, imaginação e mídia

Estudos advindos da Filosofia, da Sociologia e da Pedagogia têm contribuído substancialmente no sentido de problematizar discursos históricos sobre a infância que resultam de produções científicas amparadas nas grandes teorias do desenvolvimento. Esses últimos, produzidos e disseminados na modernidade, caricaturam as crianças como sujeitos frágeis, inocentes e universais. Segundo Pinto (1997, p. 33):

Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso comum, quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção em face desse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.

Também Dornelles (2005) nos provoca a pensar sobre como lidar com as tantas infâncias que estão por aí. De uma categoria subalterna, constituída por ‘sujeitos em potencial’, a infância agora emerge como uma categoria constituída por sujeitos múltiplos, históricos, sociais, culturais e de direitos. As crianças são, portanto, “produto de uma trama histórica e social” (DORNELLES, 2005, p.12). Contudo, mesmo nessa trama e nessa multiplicidade elas têm um traço em comum: a imaginação (SARMENTO, 2002).

A imaginação é temática bastante estudada e debatida no campo da educação infantil, sendo que a maioria desses estudos advém do campo da Psicologia do Desenvolvimento, em especial dos estudos de Jean Piaget (1896-1980), ao tratar dos estágios do desenvolvimento cognitivo e do

desenvolvimento do jogo na criança. A partir da linearidade estrutural desses estágios, a capacidade de imaginar foi colocada como sendo uma especificidade do pensamento daquelas pessoas que ainda não alcançaram o mais elevado nível de pensamento: a razão. Os estudos de Sarmiento (2002) apontam para o modo como a imaginação foi categorizada como imaturidade da criança e hierarquizada em um nível qualitativo inferior em relação à razão. Esse pesquisador explica que as perspectivas psicanalíticas e construtivistas apresentam uma definição de imaginário infantil como um *déficit*. Sobre essa expressão, Sarmiento (2002, p. 2) diz:

Esta ideia do déficit é inerente à negatividade na definição da criança, que constitui um pressuposto epistêmico na construção social da infância pela modernidade: criança é o que não fala (in/ans), o que não tem luz (o a-lunó), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não é imputável, o que não tem responsabilidade parental e judicial, o que carece de razão, etc.

Contestando tais afirmações cognitivistas, Sarmiento considera que o imaginário infantil não corresponde à imaturidade da criança, mas a uma diferença entre o pensamento da criança em relação ao pensamento racional, típico das pessoas adultas.

Historicamente as crianças, por conta dessa tal ‘incapacidade de racionalizar’, ocuparam um *status* de inferioridade em relação aos adultos. Sobre esse modo de compreender a infância, Kohan (2007, p. 101) nos desafia a

[...] pensar a infância a partir do que ela tem, não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação; como força e não como incapacidade. Essa mudança de percepção vai gerar outras mudanças nos espaços outorgados à infância no pensamento e nas instituições pensadas para acolhê-

la.

Embora reconhecendo as inúmeras contribuições dos estudos advindos da Psicologia do Desenvolvimento em dado momento histórico para repensar os processos educacionais, estamos, na escrita deste texto, fazendo uma escolha diferente. Ou seja, corroborando Sarmiento (2002), estamos nos propondo a discutir a imaginação a partir do viés da sociologia da infância. Entendemos a imaginação não como uma deficiência do pensamento, mas como uma potência, sendo que essa é tão importante quanto a razão. Essa potência não é exclusiva das crianças, embora intensamente vivida por elas. Cabe ainda pontuar que a imaginação não está imune às diferentes produções culturais direcionadas à infância. Ou seja, as crianças não são sujeitos passivos que assimilam as informações tais como lhes foram apresentadas nas diferentes mídias e/ou nas diferentes instâncias da sociedade. Elas “são competentes e têm capacidade de formular interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia” (SARMENTO, 2007, p. 26). A partir de suas próprias interpretações, produzem formas peculiares de pensar e perceber o mundo (CORSARO, 2002). Nesse sentido, entendemos que as crianças, que andam por aqui e/ou por ali usando roupas de personagem infantis, têm suas próprias interpretações sobre o que é ser princesa ou super-herói, e essas interpretações são tão múltiplas como elas.

Pougy (2005) nos diz que a criança relaciona-se com a TV do mesmo modo que se relaciona com o que está à sua volta. Os entretenimentos televisivos e cinematográficos, assim como as brincadeiras, se constituem em um jogo simbólico para as crianças. Os conteúdos que permeiam a sua imaginação estão, em parte, relacionados às reproduções interpretativas que elas fazem daquilo que veem e escutam em diversos segmentos sociais, incluindo os programas de entretenimento voltados ao público infantil.

Conforme Cunha (2008, p. 107), as imagens “sempre contam histórias a partir de determinados pontos de vista, sendo que muitas vezes há intencionalidade por parte dos produtores de imagens em produzir determinadas narrativas sobre o mundo”. Entre essas verdades, estão aquelas que se referem a um determinado tipo de corpo, o considerado belo e normal.

As princesas e super-heróis, personagens da imaginação, têm importância considerável na vida das crianças, pois podem ser ferramentas para construir um ‘mundo outro’, ou seja, uma realidade alternativa que lhes permite superar as adversidades da vida (SARMENTO, 2002).

Atravessadas por todos esses discursos recorrentes em suas vidas cotidianas, como as crianças lidam com a possibilidade de ‘outros’ corpos de princesas e de super-heróis? É necessário que sejam inventadas, a partir da Sociologia da Infância, abordagens que permitam “compreender a complexidade desse processo de construção do indivíduo jovem no contexto de uma sociedade globalizada, mas diversa e desigual, profundamente marcada pela presença massiva de novos objetos técnicos de comunicação e informação que produzem cultura e educação” (BELLONI, 2007, p. 75).

A pesquisa com as crianças

Para dar conta da pesquisa, optamos por uma metodologia que colocasse as crianças como protagonistas, e não como objetos de estudo, como historicamente acontece no campo da educação. Segundo Ramos (2011, p. 40), é preciso “valorizar as crianças por elas mesmas, afastando-se gradualmente de uma perspectiva adultocêntrica de infância para aproximar-se de uma perspectiva cada vez mais centrada nas próprias crianças, nos seus saberes e nas suas culturas”.

Essa escolha metodológica implica sair da zona de conforto para conhecer/reconhecer os desafios que a pesquisa ‘com’ crianças lança aos

pesquisadores. Com relação a esses desafios, o investigador precisa não só se deixar levar no tempo e no espaço delas e ‘com’ elas, como também reaprender o uso das múltiplas linguagens.

Adentrar no tempo e no espaço das crianças exige um ‘acolhimento mútuo’ – ou seja, tanto as crianças como o/a pesquisador/a precisam sentir-se confortáveis na presença uns dos outros. Isso requer que se vá ao

encontro das crianças sem invadir seus tempos e seus espaços com observações, perguntas, anotações, fotografias ou filmagens sem o consentimento delas: afinal, as crianças aceitaram a presença dos pesquisadores?; elas foram informadas sobre o que os investigadores estão buscando ali?; desejam participar de tal pesquisa?. Além disso, os modos de investigação também precisam adequar-se às especificidades do grupo, pois as crianças têm seus próprios jeitos de dizer, e isso exige que os pesquisadores façam uma escuta curiosa delas. Para Sarmiento (2011, p. 28),

[...] o paradoxo maior da expressão "ouvir a voz das crianças" reside não apenas no fato de que ouvir não significa necessariamente escutar, mas no fato de que essa "voz" se exprime frequentemente no silêncio, encontra canais e meios de comunicação que se colocam fora da expressão verbal, sendo, aliás, frequentemente infrutíferos os esforços por configurar no interior das palavras infantis aquilo que é o sentido das vontades e das ideias das crianças. Mas essas ideias e vontades fazem-se "ouvir" nas múltiplas outras linguagens com que as crianças comunicam. Ouvir a voz é, assim, mais do que a expressão literal de um ato de auscultação verbal [...].

Ouvir de modo ‘curioso’ talvez seja o maior desafio que emana nessa relação com as crianças, porque elas não se restringem a dizer objetivamente aquilo que os pesquisadores querem saber, pois ainda não pensam de modo fragmentado e tampouco sistematizam a sua oralidade

numa estrutura gramatical convencional. Elas pensam e falam em rede! Tudo está conectado em seus pensamentos, e essa conexão vira pelo avesso a lógica estruturada dos pensamentos lineares dos adultos. Elas também não se sujeitam a nos falar no tempo dos adultos – ou seja, nem sempre dizem quando são formalmente indagadas, mas inventam seus próprios tempos – ora se calam, ora nos falam. E ainda fazem isso com o corpo inteiro, e de um jeito que não estamos muito acostumados! Falam através dos olhos, das

mãos, dos risos, dos choros, das brincadeiras, das dramatizações, das danças, das correrias, das brigas, das birras, dos silêncios, etc. A maioria dos adultos já se fixou na linguagem oral e escrita e desaprendeu essas outras tantas linguagens que as crianças conhecem tão bem. Nesse sentido, a pesquisa com crianças consiste em metodologia que confie em suas falas, em seus conhecimentos e saberes.

Para compreender a partir das próprias crianças a interferência da mídia e das animações no imaginário delas, a pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada na região metropolitana de Porto Alegre. As indagações que mobilizaram este estudo emergiram em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental na qual um grupo de meninas e de meninos costumava trazer em suas mochilas roupas de princesas e de super-heróis para brincarem durante o recreio. Por conta disso, o grupo era reconhecido na escola como sendo a “Turminha das Princesas e dos Super-heróis”. Tal situação, inúmeras vezes, gerou conflito entre as crianças que comumente integravam tal grupo e outras que também queriam entrar nessa brincadeira, mas eram barradas por não se adequarem às normas inventadas pela “Turminha das Princesas e dos Super-heróis”, como, por exemplo: “Ela é gorda!”, “Ele é negro” ou “Não tem a roupa de...”.

Em tal contexto, surgiram as seguintes questões: que representações de corpo de princesa e de super-herói atravessam a imaginação das crianças?; e como se constituíram tais representações que funcionam como verdade nas brincadeiras delas?.

Foram realizadas conversas com quinze crianças de seis anos de idade, sendo sete meninos e oito meninas que frequentam o primeiro ano do Ensino Fundamental. Escolhemos conversar com as crianças em vez de entrevistá-las, “porque se alguém pode discutir ou dialogar ou debater com qualquer um, é claro que não se pode conversar com qualquer um [...]” (LARROSA, 2003, p. 212). Conversar com as crianças do primeiro ano implicou nos olharmos e nos escutarmos mutuamente numa relação de confiança, de curiosidade e desprovida de qualquer tipo de hierarquia. Essas conversas

foram realizadas na sala da turma durante os momentos das brincadeiras. Embora nossa intenção fosse constituir dois grupos mistos para conversar, as crianças se organizaram em um grupo de meninos e outro de meninas, de modo que optamos por respeitar essa escolha.

Antes de iniciarmos a investigação propriamente dita, realizamos dois encontros anteriores com as crianças para iniciar um vínculo com elas. No primeiro encontro, que durou toda a manhã, pedimos licença para entrar na sala e fomos apresentadas a elas pela professora. Participamos de todos os momentos da rotina sem fazer perguntas e sem impor nossa presença em suas atividades. Elas, pelo contrário, nos encheram de perguntas: queriam saber o que estávamos a fazer ali e disputavam a nossa presença entre elas: queriam mostrar seus trabalhos e solicitavam para que brincássemos com elas. No segundo encontro, contamos sobre a pesquisa que pretendíamos fazer e as convidamos para participar. Aceito o convite, entregamos-lhes as cartas de consentimento para ser lida e assinada por seus pais. Combinamos que em três dias viríamos buscar as cartas e conversar com elas sobre princesas e sobre heróis. No terceiro encontro, recebemos as cartas de consentimento e realizamos a investigação propriamente dita.

Para produzir os dados da pesquisa, foi apresentada às crianças uma caixa contendo uma coleção de 14 imagens de pessoas com diferentes características de corpo. Essas figuras estão descritas no quadro abaixo:

QUADRO 1: Descrição das figuras

CARACTERÍSTICAS CORPORAIS E ESTÉTICAS	FIGURAS
Moça branca, magra, alta, cabelos compridos e pretos, usando prótese na perna direita. Vestida com short e camiseta branca.	Figura 1:
Moça negra, obesa, alta, cabelos pretos e curtos. Vestida com bermuda, blusa estampada e sandália.	Figura 2:
Moça branca, estatura média, cabelos na altura dos ombros e com síndrome de <i>Down</i> . Veste um vestido curto e vermelho.	Figura 3:
Moça branca, magra, alta, cabelos compridos e loiros, olhos azuis. Veste um vestido longo, de cor clara.	Figura 4:
Moça branca, magra, alta, sem cabelos e olhos castanhos. Veste camiseta preta e calça jeans.	Figura 5:
Moça branca, magra, alta, cabelos compridos e pretos, olhos castanhos. Veste blusa rendada e saia preta curta.	Figura 6:
Rapaz branco, magro, alto, cabelos pretos e cadeirante. Veste abrigo e tênis.	Figura 7:
Rapaz negro, magro, alto, cabelos pretos. Veste trajes de cultura africana.	Figura 8:
Rapaz branco, magro, altura média, com síndrome de <i>Down</i> . Veste terno e gravata.	Figura 9:
Rapaz negro, obeso e alto. Veste camisa e bermuda.	Figura 10:
Rapaz branco, magro, baixo e sem cabelos. Veste camiseta e bermuda.	Figura 11:
Rapaz branco, magro, alto, cabelos médios e pretos, olhos claros. Veste terno e gravata.	Figura 12:
Moça negra, alta, magra, com cabelos médios e trançados. Veste vestido cor-de-rosa, curto e com babados.	Figura 13:
Rapaz negro, magro, alto, cabelos curtos e olhos verdes. Veste camisa e terno.	Figura 14:

Fonte: a pesquisadora

Antes de apresentarmos as figuras, explicamos às crianças que elas foram escolhidas por integrarem a “Turma das Princesas e dos Heróis”⁴,

⁴Ao iniciar o ano letivo, cada turma de educação infantil da escola pesquisada escolhe um nome para seu grupo. Turma das Princesas e dos Heróis foi o nome escolhido pela turma

então, queríamos saber um pouco mais sobre o que elas pensam e sabem sobre esses personagens. Deixamos que falassem um pouco sobre as princesas e os heróis de que gostavam e que conheciam e, depois, explicamos sobre o que havia dentro da caixa, lançando a questão: Quais dessas pessoas podem ser princesas e/ou super-heróis? Por quê? Como a ideia era coletar os dados por meio de um conversa, e não de uma entrevista, recusamo-nos a listar de antemão os caminhos da conversa, mas deixamos que os rumos da mesma fossem se dando na própria conversa.

Os dois momentos dessa investigação, ou seja, as conversas com as meninas e com os meninos, foram filmados com a autorização da escola e dos pais. Tal recurso possibilitou que as pesquisadoras, ao reverem as imagens, tivessem acesso a detalhes que ficaram despercebidos durante a interação com as crianças.

Antes de apresentar os dados da pesquisa, cabe destacar que não tivemos intenção de fazer um levantamento e muito menos uma análise das princesas e dos heróis, tanto como dos programas de entretenimento infantil que exploram esses personagens no cinema ou na TV, pois estaríamos correndo o risco de o estudo ficar desatualizado antes mesmo de ser concluído, considerando a rapidez com que surgem novas versões de princesas e super-heróis nas mídias direcionadas às crianças.

A produção da imaginação: reflexão sobre os discursos das crianças

Desde o início da conversa, as crianças mostraram que eram familiarizadas com esse assunto. Fizeram questão de listar os nomes de seus heróis e de suas princesas favoritas e de contar sobre as cores e os detalhes de suas roupas – também listavam aqueles personagens que já possuíam e os que ainda iriam ganhar em seus aniversários. Ana (6 anos) contou que, quando fizer quinze anos, irá viajar a *Disney* com o seu pai. Ao ser

que está participando desta pesquisa.

questionada pelos demais colegas sobre o motivo de não realizar a viagem quando fizesse seis anos, ela explicou: “É muito caro, e o meu pai só vai ter dinheiro quando eu tiver quinze anos. Vamos de avião⁵!”. Logo todos os demais também passaram a planejar tal passeio, os castelos que pretendiam visitar, os heróis e as princesas que iriam conhecer. Ana (6 anos) ainda considerou que a *Disney* “É o lugar mais bonito do mundo. É lá que estão as princesas de verdade!”. Indagaram as pesquisadoras se elas já haviam viajado de avião e se foram à *Disney*. Causou-lhes certo estranhamento o fato de as mesmas relatarem já ter viajado de avião, mas ainda não terem

ido à *Disney*: “Mas por quê?”, perguntaram elas quase sem entender o motivo de alguém não escolher esse destino.

Ao serem provocados a falar sobre como são as princesas e os heróis, elas apontaram as seguintes características: as princesas são bonitas, usam vestidos brilhosos, têm cabelos compridos e sabem dançar. Os heróis são bonitos, têm força, músculos grandes e poderes. Ao falarem sobre esses personagens, as crianças usavam o corpo por inteiro. As meninas se espalharam pela sala rodopiando como princesas, enquanto alguns meninos apontavam e riam do que elas estavam fazendo. Ao serem desafiados a mostrar como são os heróis, eles imediatamente começaram a simular lutas entre eles, a reproduzir sons de armas, de modo que se derrubavam pelo chão e simulavam matar uns aos outros.

Ao analisar as respostas dos meninos e das meninas entrevistados, constatamos que suas posições foram unânimes ao selecionarem imagens de pessoas com determinadas características físicas que se assemelham àquelas das princesas e heróis recorrentes nas representações disseminadas nos filmes e programas televisivos. Foi possível perceber o quanto nossas crianças e até mesmo a sociedade em geral constroem “[...] a homogeneização dos gostos e dos hábitos; as práticas miméticas alcançaram então um caráter de padronização que as afastaram das estratégias de

⁵Nenhuma das crianças da turma havia viajado de avião até aquele momento.

sociabilidade e as aproximaram da seriação comportamental” (MORIN, 1987, p.59).

As figuras midiáticas tornaram-se um fenômeno, a que o público assiste, imita e têm como ídolos (SOUZA, 2000, p.445). Dessa forma, é inegável que os produtos culturais divulgados na mídia também são formadores não só de opinião, mas também de imaginação.

Assim como Corsaro (2002), entendemos aqui que a imaginação é uma “reprodução interpretativa” singular que cada criança faz do mundo exterior em seu mundo interior. Seguindo esse pensamento, para efeitos de análise daquilo que as crianças expressaram, emergiram as categorias sobre as quais nos debruçamos abaixo.

“As bonitas”: essas é que são as princesas!

Os meninos Felipe e Igor (6 anos), ao serem indagados sobre quais as imagens que se pareciam com princesas, não titubearam em afirmar “temos certeza que estas se parecem com princesas!”, ao mesmo tempo que apontaram para as imagens de número 4 e 6. Os demais meninos participantes desse grupo balançaram positivamente a cabeça, concordando com a escolha dos colegas. Ao serem desafiados a justificar tal escolha, eles afirmaram duas questões: “São bonitas como as dos filmes!”. Quando provocados a pensar sobre a possibilidade de alguma das demais figuras, tais como as de pessoas com deficiência, negras, obesas, etc., eles balançavam a cabeça num gesto de negação, justificando que as eram “feias” – ou seja, essas “outras” pessoas não podem ser princesas.

O grupo constituído por meninas confirmaram as mesmas figuras escolhidas pelos meninos, ou seja, as de número 4 e 6. Contudo, ao terem suas escolhas problematizadas pelas pesquisadoras, elas consideraram que a figura 5 poderia ser princesa, mas precisaria deixar os cabelos crescerem como os da Aurora e da Bella. “Coloca uma peruca de cabelos bem compridos” [na figura 5], conforme sugeriu Bruna (6 anos). Laura (6 anos)

considerou a possibilidade de também a figura 13 ser incluída no grupo de princesas, lembrando que “A princesa Tiana também é ‘negrinha!’”. Cristina argumentou, dizendo: “Nada a ver, a princesa Tiana tem cabelos compridos e é bonita. Essa não tem cabelos compridos nem é bonita!”, apontando para a imagem de número 13. O grupo concordou com Cristina e, por fim, Luana (6 anos) selecionou novamente as figuras de n.º 4 e 6 e, afastando todas as demais que estavam sobre a mesa, afirmou: “Essas daqui temos certeza absoluta que sim!”. Depois disso, acompanhada por Cristina, dirigiu-se ao espaço onde estavam os livros de histórias e retornaram com o livro infantil *A Princesa e o Sapo* (fig. 15), dizendo para as pesquisadoras: “Assim que é a Tiana!”, apontando para a capa do livro.

Ao serem provocadas com relação às figuras 1 e 3, Vitória reagiu dizendo: “Esta aqui até que é bonita, mas tem que usar um vestido bem grande para tapar a perna machucada [apontando para a figura 1], e essa outra também é doente [apontando para a figura 3]”. “O que aconteceu com a perna dela? Coitadas!” (Ana, 6 anos). Logo a conversa entre as meninas ganhou o rumo de descobrir o motivo pela qual a moça não tinha a perna. Nessas conversas, elas consideram a hipótese de ter sido por decorrência de um acidente de moto. Lia (6 anos), complementou, dizendo que “Se elas quiserem ser princesas, também podem!”. Contudo, Cristina reagiu afirmando: “Podem, mas não de verdade”. As serem indagadas sobre quais são as de verdade, Lia respondeu: “Aquelas dos filmes que têm na TV”.

Percebe-se que as imagens escolhidas pelas crianças como se parecendo com princesas correspondem ao padrão estético amplamente divulgado pelas mídias: brancas, jovens, magras, limpas e cabelos compridos (MARQUES, 2013).

“Os com músculos grandões”– esses é que são heróis!

As figuras de número 12 e 14 foram apontadas com unanimidade pelas

meninas como aquelas que representam os heróis, embora seus argumentos tenham remetido a questões diferentes. Justificaram tal escolha argumentando que os rapazes dessas figuras “são bonitos”. Contudo, Cristina (6 anos), apontando para a figura 12, foi logo anunciando que “esse daqui vai ser o meu noivo”, sendo que, a partir de então, seguiu-se uma disputa entre elas envolvendo a escolha do noivo de cada uma. Todas elas fizeram a mesma escolha de Cristina. Ao serem indagadas sobre o motivo da escolha, afirmaram ser o “o mais bonito” (Cristina) e “e é o que mais se parece com príncipe!” (Lia, 6 anos). Laura corrigiu afirmando que estavam escolhendo os que se parecem com heróis, e não com príncipes. Cristina respondeu ser “a mesma coisa, porque os príncipes salvam suas princesas, então, eles também são heróis”. “Mas eles não têm poderes, e os heróis

têm!”, contra-argumentou Lia. Considerando que Cristina visivelmente exercia certa liderança no grupo de meninas, todas as demais concordaram com ela. Lia se afastou do grupo e, então, Cristina apontou para a figura de número 10 e disse: “Esse aqui vai casar com a Lia!” e esse aqui com a Vitória⁶. Enquanto o grupo ainda ria, Vitória foi ao encontro de Lia para contar o que se passou. As duas procuraram a professora para contar que Cristina havia chamado Lia⁷ de gorda. Vimos que a discussão entre as meninas circulou muito mais em torno da beleza do que em torno da força e dos poderes.

Os meninos, por sua vez, valorizaram a força para o combate e a saúde física como características necessárias aos heróis. Cláudio (6 anos) considerou que nenhuma das imagens corresponde a de um herói “porque eles não têm os músculos fortes como o Batman, o Super-Homem e os cavaleiros!”. Os demais participantes do grupo descartaram a possibilidade de o rapaz em cadeira de rodas (fig.7) integrar o tal grupo, “pois ele não pode levantar e correr pra combater os inimigos” (Sérgio, 6 anos). Também as

⁶Vitória é a única criança negra da turma.

⁷Lia é uma criança que encontra-se a cima do peso, mas não pode ser considerada obesa.

imagens 8 e 11 foram rechaçadas pelos meninos, considerando que “esses perdem no combate porque são fraquinhos demais. São muito, muito, muito fraquinhos [risos]” (João, 6 anos) e “eles têm zero de força [risos]” (Pedro, 6 anos). Kleber (6 anos) riu bastante, apontando para a figura de número 10, dizendo “É esse que não consegue nem levantar da cadeira! Só pode ser o Capitão Gordão. Tem que fazer regime! [risos]”.

Com esse grupo de crianças foi preciso diversas vezes retomar os rumos da conversa, porque elas dispersavam-se pela sala, imitando as ações de combate e reproduzindo sons das armas dos diversos super-heróis que admiram e a que assistem na TV. Tentando retomar a atenção deles, solicitamos que juntassem as figuras em dois grupos: os que se parecem e os que não se parecem com heróis. Eles, então, selecionaram as figuras 12 e 14, com exceção de Cláudio, que, conforme apontamos anteriormente,

considerou que nenhuma das imagens se parece porque lhes faltam “os músculos grandões pra vencer nos combates que a gente vê nos filmes”. Por fim, os demais também concordaram com Cláudio e consideraram que, entre as imagens apresentadas, nenhuma das pessoas se parece com um super-herói.

A roupa verdadeira: para fazer parte do grupo ou para encobrir os defeitos do corpo

“Eu gosto da Aurora e queria ser ela, só que eu não tenho o vestido dela. Mas eu vou ganhar. A minha mãe já me disse!” (Sofia, 6 anos). Se, tempos atrás, nas brincadeiras infantis, qualquer pedaço de pano era transformado em vestido de princesa ou em capa de super-herói, agora foram inventadas ‘outras’ condições para viver a imaginação. É preciso ter a roupa e os acessórios de determinada/s princesa/s em destaque naquele momento nas mídias. Então não basta ser apenas ‘uma princesa’, tem que ser ‘a’ Elsa ou ‘a’ Anna, ‘a’ Bela, ‘a’ Ariel, ‘a’ Aurora, etc. E aqui é importante

dizer que variam os nomes e as cores dos vestidos, mas o corpo da princesa segue apresentando poucas variações: magro, alto, branco, saudável e delicado. Situação muito parecida também ocorre em relação aos super-heróis, pois há variações em suas roupas, no tipo das armas, em seus poderes e nomes, contudo, assim como as princesas, seu corpo também é branco, limpo e magro, destacando músculos bem definidos que reforçam a ideia de força e de coragem.

A cada dia novos filmes e desenhos animados são lançados no cinema e na televisão e, através dessas produções culturais novas, princesas e/ou super-heróis invadem o cotidiano das crianças. Mal as crianças se apropriam de um desses personagens, outros tantos já estão entrando em cena através de novos lançamentos televisivos e cinematográficos. As representações imagéticas são muitas e recorrentes no cotidiano das crianças, pois estão estampadas nas roupas, nos calçados, nos brinquedos, nos materiais

escolares, nos outdoors, nas paredes das escolas, dos quartos, nas festas de aniversário, etc. Embora estejam assustadoramente multiplicadas nos dias de hoje, tal recorrência significa que outrora tais personagens ocupavam lugar menos importante na vida das crianças.

Considerações finais

As princesas e heróis são personagens que desde há muito tempo circulam na imaginação das crianças, mas que cada vez mais vêm sendo corporificados nas representações midiáticas. A investigação aqui apresentada pretendeu discutir o modo com as verdades sobre corpo representadas nesses personagens atravessam a imaginação de um grupo de meninos e meninas de seis anos de idade.

Ao serem provocados a associar outras imagens de corpo a suas representações de princesas e heróis, os meninos e meninas investigadas entendem que pessoas com deficiência não poderiam ser princesas e heróis

por conta da impossibilidade de dançar e de lutar, respectivamente. As pessoas obesas, assim como as de aparência frágil, também não foram aceitas como possíveis personagens de imaginação. As primeiras, ou seja, as pessoas obesas tiveram sua característica física, de certo modo, zombada pelas crianças. As segundas também não foram consideradas suficientemente bonitas para serem princesas nem fortes para serem heróis. As pessoas negras e magras não foram escolhidas pelas crianças, mas tiveram suas imagens aceitas, embora fossem apontadas certas restrições com relação ao tipo e comprimento do cabelo, por exemplo.

Durante as conversas entre elas e com as pesquisadoras, as crianças fizeram diversas referências às imagens de princesas e de heróis vistas na TV, no cinema ou em livros de histórias. Nesse sentido, vimos que os jogos de imaginação das crianças não se constituem no vácuo, mas são tocados por inúmeras e diferentes produções culturais. Os critérios para ser princesa ou ser herói, expressos pelos meninos e meninas da escola pesquisada, apontam para um corpo branco, magro, limpo, forte e saudável. Tais representações estão altamente disseminadas nos programas de entretenimento direcionados ao público infantil e vêm impactando a imaginação das crianças.

Não estamos afirmando que a relação das crianças com as produções televisivas ou cinematográficas seja uma relação passiva. Contudo, há de se considerar tais influências no imaginário das crianças, impactando o modo como elas brincam e o modo como se relacionam com o seu próprio corpo e com os outros.

Por fim, destacamos como um dos desafios à educação das crianças do século XXI a produção de outras verdades sobre corpo de princesas e de heróis para que as diferenças ganhem espaço na sua imaginação e nas suas brincadeiras. Entendemos que as crianças não podem ser separadas do mundo midiático que as rodeia, mas esse mundo precisa abrir-se às diferenças, do contrário corre-se o risco de a recorrência de determinadas

verdades sobre corpo limite as possibilidades da imaginação.

Referências

- BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 57-82, jan./jun. 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1629/1370>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- BÉVORT, Evelyne e BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009 1081. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar de “faz-de-conta” das crianças. In: *Educação, Sociedade e Culturas*, n.17, 2002, p.113-134.
- CUNHA, Susana Rangel V. da. Cultura Visual e Infância. *31.ª Reunião da ANPED*, mesa Cultura visual, gênero, educação e arte, em outubro de 2008, em Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf> Acesso em: 19 mai. 2016.
- DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos Escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KOHAN, Walter. *Infância, Estrangeiridade e Ignorância – Ensaios de Filosofia e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LARROSA, Jorge. A Arte da Conversa. In: SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 212-216.
- MAGALHÃES, Cláudio M. et al. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- MARQUES, Circe Mara. *Experiência com bonecas anormais no curso de pedagogia: construindo modos de ser professora*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Tese de Doutorado– Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Bezerra, 1997. p. 33-73.
- POUGY, Eliana G.P. *As mensagens da televisão e a reação de seus receptores*. Disponível em www.redebrasil.tv.br/educacao/artigos/as_mensagens_da_tele

visao.htm. >Acessado em: 30 mar. 2012.

RAMOS, Anne Carolina. *Meus avós e eu: As relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. Porto Alegre: UFRGS/ Faculdade de Educação/ Programa de Pós-graduação em Educação, 2011 [Tese de Doutorado].

SARMENTO, Manuel J. *Imaginário e culturas da infância*. Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em: <projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf> Acesso em: 20 mai. 2014.

_____. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira (Org.). *Produzindo pedagogias interculturais na Infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. In: MARTINS F; PRADO, P, D. (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. São Paulo, 2011.

SOUZA, Solange J. *Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

Recebido em março de 2016.

Aprovado em janeiro de 2017.